

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA PLENA DIURNO

Luiza Talita da Costa

**INFÂNCIA: O BRINCAR E AS EXPERIMENTAÇÕES DA CRIANÇA
COM AS DESCOBERTAS DE SI, DO OUTRO E DO MUNDO**

Santa Maria, RS
2021

Luiza Talita da Costa

**INFÂNCIA: O BRINCAR E AS EXPERIMENTAÇÕES DA CRIANÇA
COM AS DESCOBERTAS DE SI, DO OUTRO E DO MUNDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia Licenciatura Plena – Diurno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título do **grau de Licenciada em Pedagogia**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Simone Freitas da Silva Gallina

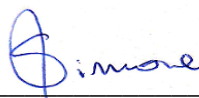
Santa Maria, RS
2021

Luiza Talita da Costa

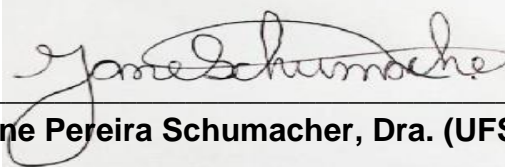
**INFÂNCIA: O BRINCAR E AS EXPERIMENTAÇÕES DA CRIANÇA
COM AS DESCOBERTAS DE SI, DO OUTRO E DO MUNDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia Licenciatura Plena – Diurno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título do **grau de Licenciada em Pedagogia**.

Aprovado em 05 de agosto de 2021:



**Simone Freitas da Silva Gallina, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)**



Jane Pereira Schumacher, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2021

DEDICATÓRIA

A toda minha família, amigos e professores que fizeram parte da minha trajetória de vida, que contribuíram e contribuem significativamente neste processo formativo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter sempre iluminado o meu caminho. Agradeço aos meus pais, Arnaldo Joel da Costa e Leci Petzold da Costa, as minhas irmãs, Paloma e Victória, e meu cunhado que sempre acreditaram em mim, todo o apoio recebido foi essencial para que eu não desistisse.

Agradeço a todos professores que passaram na minha vida e que contribuíram para o meu processo formativo, não só como pedagoga, mas como um ser humano em constante aprendizado. Agradeço à minha orientadora Simone Gallina por toda dedicação e carinho, pelas trocas que estabelecemos a cada encontro, pela sensibilidade e paciência durante o período de escrita dessa pesquisa.

Agradeço as minhas parceiras de curso e de vida, em especial as mulheres que me inspiram todos os dias: Andressa, Débora, Janer e Luiza. Só nós sabemos o quanto foi difícil o percurso, mas vocês tornaram-no mais leve.

E por último e não menos especial, agradeço a Universidade Federal de Santa Maria pelo ensino público, gratuito e de muita qualidade, por todas as vivências e as possibilidades formativas que esse espaço proporcionou durante os 9 semestres no curso de Pedagogia Licenciatura Plena Diurno.

*Escute o cotidiano de uma escola da infância...
Silencie e escute... Depois, silencie e escute...
Mais tarde, silencie e escute...
Ao amanhecer, silencie e escute...
Ao entardecer, silencie e escute...
Ao anoitecer, silencie e escute...
Agora, permita que a sua escuta esteja no compasso das batidas do seu coração...
E escute demorado...
Porque o cotidiano de uma escola da infância precisa de tempo para poder pulsar.
Então, ao tempo, fazemos um pedido:
Salve a inteireza da infância.
Salve a lucidez do educador.
Tempo, tempo, tempo,
Salve a poesia dos encontros.
Salve a música do encantamento.
Salve a esperança dos começos.
Salve a coragem do inédito.
Salve o confronto, o assombro e o outro.
Tempo, tempo, tempo,
Salve a formação da forma.
Salve a memória do esquecimento.
Salve a alegria da anestesia.
Salve as crianças da pressa.
Salve o que foi sentido e vivido nos encontros de todos os dias.
Salve as escolas da escolarização.
Salve as crianças da adultização da infância.
Salve o tempo.
E, se por acaso, por distração, o seu tempo insistir em correr apressado...
Pare, silencie, escute e lembre-se:
Dentro da escola da infância pulsa o coração de uma criança.*

*Tais Romero
“O pulsar do cotidiano de uma escola da infância”, 2020.*

RESUMO

INFÂNCIA: O BRINCAR E AS EXPERIMENTAÇÕES DA CRIANÇA COM AS DESCOBERTAS DE SI, DO OUTRO E DO MUNDO

AUTORA: Luiza Talita da Costa

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Simone Freitas da Silva Gallina

A escrita desta monografia apresenta as experimentações nas quais durante o curso da Pedagogia produziram desdobramentos no perguntar pelo modo como o brincar no contexto da escola torna-se interessante e significativo para as experiências de descobertas e desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, a investigação foi orientada pelo objetivo geral que tem por finalidade compreender quais as possibilidades do brincar das crianças no contexto da escola. Vinculado a isso encontram-se os objetivos específicos: investigar se o brincar faz parte do desenvolvimento da autonomia das crianças e compreender de que forma o brincar pode tornar a aprendizagem da criança significativa, considerando o brincar como direito. Os procedimentos metodológicos foram pensados para contemplar as limitações impostas pelo distanciamento social e a suspensão das atividades presenciais da escola em função da crise sanitária. Nesse sentido, a abordagem atentou para os aspectos quantitativos da materialidade da produção bibliográfica na área da educação de crianças e o brincar, atentando para a produção das pesquisadoras Luciana Ostetto (2008), Maria Carmem Barbosa (2013), Tizuko Morchida Kishimoto (2011), Kelly Werle (2015) entre outras que se debruçam há tempos em tratar da infância e o brincar no contexto da educação brasileira. A problematização permite vislumbrarmos quais as perspectivas pedagógicas para o ofício da.o pedagoga.o e sua relação com a especificidade da infância que brinca e experimenta seu corpo nas interações consigo, com o outro e o mundo.

Palavras-chave: Brincar. Infância. Criança.

ABSTRACT

CHILDHOOD: THE CHILD'S PLAY AND EXPERIMENTATION WITH DISCOVERING HIMSELF, THE OTHER AND THE WORLD

AUTHOR: Luiza Talita da Costa

ADVISOR: Prof^a. Dr^a. Simone Freitas da Silva Gallina

The writing of this monograph presents the experiments in which during the pedagogy course they produced developments in the question of how playing in the context of the school becomes interesting and significant for the experiences of discoveries and development of children. In this sense, the investigation was guided by the general objective that aims to understand the possibilities of playing children in the context of the school. Linked to this are the specific objectives: to investigate whether playing is part of the development of children's autonomy and to understand how playing can make the child's learning meaningful, considering playing as a right. The methodological procedures were designed to contemplate the limitations imposed by social distancing and the suspension of the school's face-to-face activities due to the health crisis. In this sense, the approach looked at the quantitative aspects of the materiality of bibliographic production in the area of children's education and play, the production of the researchers Luciana Ostetto (2008), Maria Carmem Barbosa (2013), Tizuko Morchida Kishimoto (2011), Kelly Werle (2015) among others who have been dealing with childhood and play in the context of Brazilian education. Problematization allows us to glimpse the pedagogical perspectives for the pedagogue's office and its relationship with the specificity of childhood that plays and experiences his body in interactions with himself, with the other and the world.

Keywords: Play. Childhood. Child.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. ITINERÁRIOS DA PESQUISADORA: MOVIMENTAR-SE ENTRE AS BRINCADEIRAS E O BRINCAR APESAR DOS TEMPOS DE PANDEMIA	11
3. O BRINCAR E AS BRINCADEIRAS: CRIANÇAS EXPERIMENTAÇÕES E INTERAÇÕES CORPORAIS	15
3.1 PEQUENAS ROSAS VERMELHAS.....	17
3.2 ESTAGIÁRIA-PROFESSORA E AS CRIANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: DIÁRIOS DE ESTÁGIO CURRICULAR ENTRE CONEXÕES MEET, WHATSAPP, FOLHAS MIMEOGRAFADAS, VÍDEOS.....	18
3.2.1 Estágio Educação Infantil.....	19
3.2.2 Reflexões finais do Portfólio.....	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
5. REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

A pergunta que não quer calar: qual é o sentido da atividade do “brincar” no ambiente escolar? Essa tem sido a questão que me mobiliza a realizar movimentos de pesquisa para compreender a atividade da pedagoga no contexto escolar. Pensando que a criança quando está inserida nas rotinas escolares deseja brincar, não somente nos momentos destinados ao ‘recreio’, isso tem sido a prática em muitos cotidianos em que se afirma: “o recreio foi feito para brincar e a sala de aula foi feita para estudar”.

As experiências de descobertas e aprendizagem, nessa etapa de Educação Básica, vinculadas às experiências do brincar, se tornam muito mais significativas. Quando há uma escolha deliberada a partir de uma concepção de currículo, de separar o brincar como algo que deve ser realizado apenas na hora do intervalo e que o conteúdo, como via de regra, tem que ser repetido e aprendido dentro da sala de aula, não se torna potente para o desenvolvimento das crianças. O tempo e o espaço destinados às crianças no interior da escola, quando são pensados, planejados e organizados pelo adulto, apresentam uma lógica que nem sempre coincide com a da criança e que, geralmente, serve para discipliná-la.

A escrita dos itinerários de pesquisa experimentados durante o trabalho de conclusão de curso da Pedagogia permite que seja apresentado como o problema que mobilizou o perguntar pelo modo como o brincar das crianças torna-se interessante e significativo para suas experiências de descobertas e desenvolvimento, e principalmente como se constitui em um elemento indissociável no contexto das práticas pedagógicas na escola.

Nesse sentido, a investigação foi orientada pelo objetivo geral que tem por finalidade compreender quais as possibilidades do brincar das crianças no contexto da escola. Para tanto, encontramos os seguintes objetivos específicos: Investigar se o brincar faz parte do desenvolvimento da autonomia das crianças e compreender de que forma o brincar pode tornar a aprendizagem da criança significativa no contexto escolar, considerando o brincar como um direito.

Considerando o momento de distanciamento social em função da crise sanitária do Covid-19, os procedimentos de pesquisa previstos no projeto sofreram algumas modificações, entre eles destaca-se a impossibilidade de inserção, observação e participação nas atividades pedagógicas no espaço escolar. Dessa forma, decidi

compartilhar nesta pesquisa, o meu percurso e reflexões realizadas no Estágio Final da Educação Infantil do curso de Pedagogia que aconteceram de forma remota.

Ainda nesse sentido, a abordagem atentou para o aspecto quantitativo da materialidade da produção bibliográfica na área da educação de crianças e o brincar, atentando para a produção dos pesquisadores que se debruçam há tempos em tratar da infância e o brincar no contexto da educação brasileira. São autoras/es como Luciana Ostetto (2008), Maria Carmem Barbosa (2013), Tizuko Morchida Kishimoto (2011), Kelly Werle (2015) entre outras/os que mobilizaram as questões e as tentativas de apontar perspectivas no ofício da(o) pedagoga(o) que considere a especificidade da infância que brinca.

2. ITINERÁRIOS DA PESQUISADORA: MOVIMENTAR-SE EM MEIO AS BRINCADEIRAS E O BRINCAR APESAR DOS TEMPOS DE PANDEMIA

O interesse em pesquisar sobre o brincar das crianças deu-se a partir de inserções práticas realizadas durante a minha formação acadêmica no curso de Pedagogia. Tanto as temáticas estudadas, as minhas observações nos contextos de inserções quanto relatos dos diários de campo de colegas fizeram-me perceber e refletir que quanto mais se avança os anos, mais o brincar é deixado de lado dentro do espaço da sala de aula.

Além disso, essa questão também me fez reviver algumas memórias e lembrar da minha infância e a relação com o brincar. Quando penso nisso, as memórias que vem à tona são de quando eu brincava nos diversos momentos e interações: seja em casa, sozinha, com minha irmã, com minhas vizinhas, seja na escola com meus colegas e amigos. Quem é que não sente saudade de quando as nossas maiores preocupações eram tomar banho e ir para a escola, jogar futebol de rua, jogar vôlei, pular corda, pular elástico, bolinha de gude, assistir desenho, imaginar em uma mesma tarde ensolarada ser astronauta, detetive, bailarina, power rangers, sem cobranças exageradas.

O que quero ressaltar é que quando pensamos na nossa infância, normalmente, temos lembranças de brincadeiras e momentos que foram significativos, momentos que marcaram de alguma forma essa fase da vida. Isso, via de regra, acontece principalmente em lembranças da escola, quando por exemplo, das brincadeiras que aconteciam na hora do intervalo, uma aula que foi legal porque o professor propôs um experimento, viagens de turma, aulas de Artes e até mesmo uma prova, porque foram experiências prazerosas e apresentadas a nós de uma forma lúdica.

Rememorando alguns momentos vividos ao longo desses 4 anos no curso de Pedagogia, recordo das aulas de Psicologia da Educação I, Psicologia da Educação II, Jogo Teatral A e Jogo Teatral B, as quais foram essenciais para minha caminhada como discente. Trazer o brincar como vivência para a formação foi o primeiro movimento proposto pelas nossas professoras para começar as aulas. Formávamos grupos e a cada encontro deveríamos propor brincadeiras para realizar com as demais colegas.

Então, ao longo das aulas, surgiam rodas e cantigas, jogos teatrais, brincadeiras que nunca havíamos escutado falar, jogos conhecidos por alguns, mas

com algumas modificações e que sempre mobilizavam o grupo. Em alguns encontros, era difícil fazer com que todas participassem dos momentos de brincadeira, algumas colegas ficavam sentadas e se negavam a entrar naquele momento lúdico.

Muitas vezes, essas atitudes me faziam refletir, pois sempre me propus a participar e via esse espaço da universidade como um momento de pura experimentação da minha formação, afinal esse será meu trabalho futuramente com as crianças dentro das escolas. Dessa forma, sempre me indaguei: De que forma iremos garantir na escola a presença da imaginação, da não literalidade, da fantasia, da criação que fosse marcado pela liberdade de ação da criança, se muitas de nós mesmas não nos permitimos vivenciar essas experimentações dentro dos espaços formativos do curso?

Nessa trajetória, sempre brincando, fomos compondo o nosso olhar com as leituras dos textos e encaminhando a discussão em torno da ideia do brincar como eixo norteador não só da Educação Infantil ou do Ensino Fundamental, mas como a essência da infância. Nas disciplinas estudamos, brincamos, cantamos, nos libertamos. Experimentar de fato o brincar foi o ponto de partida para a compreensão desta atividade essencial e de extrema importância na vida das crianças.

A Base Nacional Comum Curricular ao abordar a etapa da Educação Infantil aponta a importância da abordagem da prática pedagógica atentar para as brincadeiras e interações enquanto eixos estruturantes, no entanto, encontramos uma ruptura à medida que as brincadeiras e interações deixam de ser eixo fundante das experiências da criança quando se avança para a etapa do Ensino Fundamental.

Ainda se tem uma preocupação focada única e exclusivamente na formação cognitiva da criança, como se ela só precisasse saber Matemática e Língua Portuguesa para o resto da vida. E essa mesma criança quando chega lá nos seus 16 e 17 anos, passa a escolher uma profissão não pelas suas habilidades e interesses, mas sim pela nota melhor que ela tirou e tira na escola. Então se ela vai melhor em Matemática, Engenharia pode ser um bom curso, se vai melhor em Biologia, Medicina pode ser uma boa opção. Não é o foco da pesquisa entrar nesse assunto, mas vale pontuar esses cursos sempre clichês que muito mais padronizam as crianças e as profissões do que realmente as abrem para um mundo de realização profissional e pessoal.

Às vezes me pego pensando o quanto seria importante que nós, adultos, olhássemos ao nosso redor, olhássemos para o nosso interior e pensássemos o que

está faltando mais? Se sentimos hoje mais falta de Português, Matemática, História, Biologia, Química ou de criatividade, resiliência, controle emocional e saber lidar com frustrações? Se a gente tivesse humildade para perceber o que realmente nos falta, talvez todos nós estaríamos preocupados em preparar as nossas crianças hoje de uma forma diferente não só para o futuro, mas principalmente para o presente.

Ao que parece há uma preocupação em vencer conteúdos, seguir rigorosamente o conteúdo programático, dar conta do livro didático. Ainda, no final do dia tudo o que foi feito no dia precisa constar nos cadernos das crianças e enquanto isso não mudar, estamos apenas reproduzindo uma educação sem sentido com a vida. Conforme traz Barbosa, 2013, p. 216

(...) o que encontramos nas escolas infantis é a presença desse tempo característico das relações capitalísticas, que brutaliza a vida cotidiana e empobrece a experiência da infância. Um sentido de tempo que apenas passa, cumprindo o ordenamento da produtividade.

Trata-se de uma educação de adultos para adultos. No entanto, penso que se faz necessário cada vez mais reinventar as práticas pedagógicas que negam as brincadeiras e interações, ainda predominantes no ambiente escolar, como possibilidade de tornar a escola um espaço-tempo de descobertas e desenvolvimento mediadas pelo brincar.

A pesquisa da escrita monográfica para o Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia inicialmente teve como principal atividade a revisão de literatura sobre o brincar e as brincadeiras. Pensei em realizar esse movimento a partir de pesquisa nos periódicos na Revista Brasileira de Educação e/ou Revista de Educação - Centro de Educação da UFSM nos últimos 5 anos. No entanto, dado uma série de imprevistos e contratemplos, optei por outro caminho e busquei trazer meus relatos e vivências do estágio final de curso realizado remotamente (Estágio Supervisionado III: Educação Infantil).

Na educação, é ainda recente a percepção da criança enquanto sujeito social ativo, dotado de múltiplas linguagens e com condições peculiares de ser, perceber e estar no mundo. Por esse motivo, não tenho como falar da importância do brincar, falar sobre as crianças sem levar em consideração a voz delas sobre o tema desta pesquisa. Como a situação de isolamento social persistiu, através do estágio

obrigatório, durante o período de regência realizei uma conversa online com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental, interagindo com as crianças e, assim, adotando uma metodologia que reconhece e valoriza uma efetiva participação infantil, dando destaque aos seus dizeres, olhares e perspectivas.

Considerando essas questões apresento os principais elementos que orientaram o desenvolvimento do estudo:

Problemática de Pesquisa:

- De que modo o brincar das crianças no contexto da escola torna-se interessante e significativo para suas experiências de descobertas e desenvolvimento?

Objetivo Geral:

- Compreender de que modo o brincar das crianças no contexto da escola torna-se interessante e significativo para suas experiências de descobertas e desenvolvimento.

Objetivos Específicos

- Investigar se o brincar faz parte do desenvolvimento da autonomia das crianças;
- Compreender de que forma o brincar pode tornar a aprendizagem da criança significativa no contexto escolar;

Aspectos metodológicos:

- Abordagem qualitativa.
- Materialidade e levantamento da produção artigos de livros e periódicos;
- Diário de campo de estágio curricular.

3. O BRINCAR E AS BRINCADEIRAS: CRIANÇAS, EXPERIMENTAÇÕES E INTERAÇÕES CORPORAIS

Numa perspectiva histórica desde os tempos remotos das experiências humanas de viver nas cavernas, encontramos indícios da relação dos povos com o brincar. Nesse sentido, encontramos na literatura apontamentos quanto ao modo como o brincar é abordado como representação social da infância em diferentes momentos históricos. Enquanto representação social percebe-se que sua importância e sentido está em constante transformação de acordo com os contextos da sociedade.

A criança já foi entendida como um mero expectador, em outras palavras, aquele que apenas recebe informações. No entanto, hoje, as conquistas históricas legitimam a criança como uma figura social de direitos e isso significa reconhecê-la como um sujeito ativo e protagonista em todos os contextos de que faz parte, ela não apenas interage, mas cria e modifica a cultura e a sociedade.

É necessário partir do princípio de que brincar é um verbo que denota uma ação intrinsecamente associada à infância e a criança adquire conhecimento de mundo a partir do ato de brincar, interagir e experimentar, por isso se impõe como necessidade. Kishimoto (2011) nos traz que o brincar está diretamente ligado ao pensamento simbólico, ou seja, o ser humano se desenvolve a partir da imaginação que constrói. Nessas situações a criança aprende conceitos, valores, a expressar sua subjetividade, compreender a realidade, criar hipóteses, estimular a curiosidade e, assim, ressignificar e produzir cultura.

Brincar é muito mais que uma forma de aprender. Brincar é interagir, transformar, decidir, negociar, confrontar, compreender, viver. Ao brincar, a criança elabora hipóteses e as colocam em prática, vivenciando de maneira lúdica seus conflitos. A brincadeira possibilita à criança explorar, experimentar e agir no espaço ao seu redor, como também interagir com as pessoas e objetos. (WERLE, 2015, p. 50).

Escrever sobre o brincar, atualmente, torna-se um grande desafio. Fala-se muito do brincar na Educação Infantil, mas e nos anos iniciais? A criança deixa de ser criança quando chega no 1º ano ou no 5º ano do Ensino Fundamental? Onde está o brincar nessa fase? E quando falo em brincar nos anos iniciais não estou me referindo apenas a um espaço como a pracinha para a hora do intervalo, mas sim, de pensar

pedagógica e intencionalmente sobre oferecer espaços e momentos para que ocorra de fato o brincar entre as crianças nesta etapa.

O brincar é um direito da criança e está estabelecido em alguns documentos legais como a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica e mais recentemente acrescentado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil traz que os eixos estruturantes do processo de aprendizagem das crianças sejam as brincadeiras e interações e, mais recentemente, com a homologação do documento da BNCC é ressaltado novamente a importância de que toda prática pedagógica com crianças de 0 à 5 anos de idade precisa ter a brincadeira e interação como eixo fundante. Além disso, a BNCC elenca seis direitos de aprendizagem que a criança precisa ter ao longo dessa etapa, são eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Pode-se perceber o quanto o brincar é valorizado nessa primeira etapa da Educação Básica. Diferente da Educação Infantil, a proposta da BNCC Ensino Fundamental Anos Iniciais é a progressão das múltiplas aprendizagens, articulando o trabalho com as experiências anteriores e valorizando as situações lúdicas de aprendizagem. Segundo o documento:

Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. (BNCC, 2017, p. 57-58).

É notório em todo o texto referente aos Anos Iniciais no documento da BNCC que o brincar é citado apenas no componente curricular da Educação Física. O sistema de escolarização ao qual as crianças são submetidas vive um tensionamento entre propostas que cada vez mais antecipam a aprendizagem da escrita e leitura, de conteúdos e diminuem o tempo do livre brincar, das experimentações corporais, da exploração da convivência livre.

O brincar dentro das instituições de ensino ainda é visto como um mero lazer e não como um espaço-tempo de descobertas, de criação, de protagonismo infantil. Diante disso, o lugar e o tempo do brincar vão se restringindo à “hora do recreio”, assumindo contornos cada vez mais definidos e restritos em termos de horários,

espaços e direcionamento para aprender algo, conteúdo, não possibilitando as interações entre pares, a expressão de movimentos e criações brincantes próprias nessa fase da infância.

A observação do brincar é importante porque, quando brincam, as crianças imprimem suas marcas, falam das suas visões de mundo, das relações entre as pessoas. O olhar atento é uma ferramenta potente porque permite compreender as crianças, suas escolhas, seus interesses, os sentidos de suas brincadeiras entre pares. Isso me leva a refletir sobre o papel desempenhado pelo adulto na brincadeira: como nos colocamos quando brincamos com as crianças? Entramos nas brincadeiras como aquele que participa, amplia seus interesses, ou simplesmente fiscaliza, instituindo papéis, dizendo quem brinca com quem, de quem é a vez e resolvendo os conflitos?

3.1 PEQUENAS FLORES VERMELHAS

O filme escrito e dirigido por Zhang Yuan, intitulado “Pequenas Flores Vermelhas”, narra uma história que acontece na cidade de Pequim, na China, no ano de 1949. O protagonista Qiang, um menino de 4 anos, partilha suas experiências de infância em uma instituição que é caracterizada no filme como um internato. Logo que é inserido nesse novo ambiente, Qiang é obrigado a conviver com crianças educadas de forma distinta da sua e precisa se adaptar aos costumes, às normas, às condutas e ao novo cotidiano dessa instituição.

As crianças vestem-se iguais, comem a mesma comida, dormem, acordam, brincam e até fazem as suas necessidades exatamente na mesma hora e do mesmo jeito. Uma das regras instituídas no internato e que incide diretamente sobre o governo dos corpos das crianças diz respeito ao merecimento ou não de receber pequenas flores vermelhas para serem fixadas no quadro da sala, ao lado dos nomes de cada criança.

O filme é uma crítica a sociedade que nos condiciona a agir, falar e pensar da mesma maneira como se todos fossemos iguais. As experimentações do pequeno Qiang no cotidiano da escola mostra ainda como o Estado, através das instituições, entre elas as escolares, tenta moldar o indivíduo desde a infância como parte de uma engrenagem na sociedade.

É preciso educá-los, nutri-los, defendê-los, salvá-los, profissionalizá-los, espiritualizá-los, moralizá-los, trancá-los, prendê-los, socializá-los, inseri-los,

curá-los, tratá-los, acompanhá-los, protegê-los, guiá-los, domesticá-los, digitalizá-los etc. Uma sorte de infindáveis tentativas de fazer suas vidas nômades serem estriadas pelo mundo adulto, civilizado, estatal, capitalista, familiar, burguês, urbano etc. (GALLO; LIMONGELLI 2020, p. 3)

O personagem principal do filme é justamente a antítese comportamental dessa característica, visto que ele não consegue encaixar-se num padrão de comportamento imposto neste ambiente e, por isso, acaba sendo marginalizado dentro do internato. A partir disso, questiono: o que podemos pensar? A maior contribuição não é a constatação do que pretendeu o diretor sobre a infância no filme, mas o que, a partir das nossas interpretações frente a esta, nos interroga, nos desestabiliza, nos incita na busca ativa para novas e profundas relações e interpretações. Abordar nesta pesquisa o filme é justamente com o intuito de refletir sobre o cotidiano dentro das escolas e os modos de ser que as crianças são submetidas.

3.2 ESTAGIÁRIA-PROFESSORA E AS CRIANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: DIÁRIOS DE ESTÁGIO CURRICULAR ENTRE CONEXÕES MEET, WHATSAPP, FOLHAS MIMEOGRAFADAS, VÍDEOS...

Nesta seção irei apresentar o meu movimento no decorrer dos estágios supervisionados e como durante esse percurso, as questões que permeiam a minha pesquisa, foram orientando de certa forma as minhas escolhas para o desenvolvimento dos planejamentos e a realização das atividades.

No ano de 2020, em razão da pandemia do COVID-19 e, como consequência, a suspensão das atividades presenciais da UFSM, as estratégias de ensino e aprendizagem precisaram ser revistas em caráter de emergência para que as aulas dessem continuidade no formato remoto. Sendo o Estágio Supervisionado um componente obrigatório nos cursos de formação, essa disciplina também precisou ser repensada de forma a proporcionar, mesmo que remotamente, uma formação e experiência de qualidade a todos discentes que optaram por continuar realizando a disciplina à distância.

O estágio é um processo vivido fora da Universidade que nos permite, enquanto alunos e futuros profissionais da educação, uma grande contribuição para a nossa formação, na medida em que nos possibilita conhecer e vivenciar os espaços/cotidiano da escola. Dessa maneira, não conseguíamos enxergar uma

prática de estágio a ser realizada de forma remota, “uma vez que a educação infantil é eminentemente presencial: depende de toque, olhar, gestos e expressões, para além de palavras.” (NASCIMENTO, p. 74, 2021).

Desde o segundo semestre de 2020 estávamos realizando estudos, discussão de textos e seminários que tratavam acerca da prática pedagógica. Essas discussões foram essenciais para que, além de não perdermos o contato e a interação, pudéssemos trilhar por caminhos educativos mais consistentes e fundamentados, permitindo-nos ampliar nossa visão de mundo, educação e sujeito. Os textos escolhidos para o seminário foram escolhidos pela professora da disciplina a partir da nossa demanda e interesse, o que tornou as discussões ainda mais interessantes. Nos dividimos em duplas, alguns colegas optaram por realizar a apresentação individual e, a cada encontro síncrono, realizamos a discussão da temática com o grupo.

Em março retornamos com as práticas do estágio que tiveram duração de 8 semanas, sendo realizado no período de 05 de abril à 28 de maio de 2021. O relato apresentado em seguida trata-se de um recorte do que foi mais significativo no decorrer dessas semanas.

3.2.1 Estágio Educação Infantil

Na condição de estagiária na etapa de educação infantil iniciei a primeira semana, eu e a professora nos reunimos para conversarmos um pouco sobre o trabalho realizado com as crianças desde o início do ano. A forma de organização do planejamento, como tem sido estabelecido o contato com as crianças, o retorno das atividades, ou seja, a forma que ela está organizando a prática pedagógica remotamente. Elaborar um vídeo de apresentação para as crianças, para que elas pudessem conhecer a nova integrante da turma, tornou-se uma ótima alternativa para estabelecer o primeiro contato com as crianças, visto que eu seria adicionada no grupo do whatsapp. As crianças puderam saber um pouco mais sobre quem sou, meu nome, cidade onde moro, o que estou estudando e as contribuições que pretendo desenvolver com a turma nesse período de estágio.

As atividades pedagógicas propostas via o contato da professora com as crianças e as famílias acontecem, então, prioritariamente pelo whatsapp, as quais são enviadas por meio de vídeos. No início do ano letivo, as propostas eram enviadas todas as segundas e quintas-feiras, mas no decorrer do tempo, a professora

juntamente com a equipe da direção, em conversa, decidiram mudar a maneira de organizar essas atividades. Assim, as propostas começaram a ser enviadas apenas nas segundas-feiras, para que cada família pudesse organizar da melhor maneira possível a sua semana. Nas quartas-feiras, é encaminhado às famílias as atividades de outra professora da escola que é responsável pela hora atividade.

Normalmente, a professora envia em média 2 vídeos, sendo um com uma música ou história sobre o tema da semana, produzida por ela mesma, e o outro vídeo a explicação da temática e as propostas de atividades a serem desenvolvidas pelas crianças. Percebe-se que o esforço pedagógico quando do planejamento e organização dos conteúdos, refere-se a necessidade de que os mesmos tenham uma continuidade e façam sentido para a aprendizagem das crianças.

Assim, na semana que iniciei a minha inserção, a professora estava trabalhando com o tema: “Identidade”. Ela produziu um vídeo com a música “Você vai gostar de mim” da Xuxa, que aborda sobre as diferenças e, assim, fazendo com que as crianças percebam e reflitam o que nos torna diferentes uns dos outros. A partir da música, ela propôs 3 atividades:

- 1º momento: fazer o desenho do rosto, observando suas características (já havia sido enviado há alguns dias um kit para as crianças e que continha uma fotografia da metade do rosto delas). Dessa maneira, elas deveriam completar a imagem do próprio rosto.
- 2º momento: traçar as letras do próprio nome com farinha que, inclusive, também havia sido disponibilizada no kit.
- 3º momento: Assistir a uma história produzida pela professora, a Linha do tempo de Lalá e, a partir do vídeo, montar a sua própria linha do tempo com fotografias da família.

Ao longo da semana, à medida que os pais iam retornando as atividades com vídeos e fotos das crianças, a professora ia me encaminhando para que eu pudesse também acompanhar o andamento da turma.

Na quinta-feira, dia 08/04, eu e a professora Gisele nos reunimos via Google Meet para discutir o planejamento da próxima semana. Assim, conversamos maneiras de como eu já poderia começar a interagir com as crianças por meio das atividades. Decidimos então, que de modo colaborativo, iríamos dividir as propostas, em alguns momentos ela criaria os vídeos de apresentação da temática, eu ficaria responsável pela explicação das atividades e vice-versa. E, essa forma de organização, iria ser

discutida e modificada no decorrer das semanas, conforme as nossas necessidades e demandas.

Aprender sobre o corpo humano é uma etapa muito importante na vida de uma criança. É nesta fase que ela descobre mais sobre as funções de seu corpo e estabelece relações de movimentos que pertencem ao indivíduo em sua totalidade, revelando sentimentos, emoções, assim como a importância de criar hábitos e atitudes integradas ao corpo, possibilitando a construção da sua personalidade e identidade. “Partes do corpo humano” como assim, porque fragmentar o corpo em partes? Será que as crianças aprendem por “partes”? E quando elas brincam, também colocam seu corpo em “partes” no brincar? Essas questões o tempo todo me interrogavam enquanto ao mesmo tempo precisava ser propositiva na atividade a ser enviada para as crianças e suas famílias, nada fácil nesse momento em que sabemos tão pouco do contexto doméstico de cada criança.

Proposta [o quê]: Brincando com o corpo

Organização [como será organizada?]: Escolher um parceiro/a para brincar (irmão, mãe, pai, avó). Sentados no chão, devem ficar um de frente para o outro e com uma bola no meio, ao comando de um terceiro participante, eles têm que pôr a mão nas partes do corpo, como por exemplo: cabeça, ombro, nariz, perna e, quando falar “bolinha”, devem tentar pegá-la o mais rápido possível.

Objetivos de aprendizagem [para quê?]: Experimentações e interações corporais em brincadeiras e jogos.

Precisamos entender a complexidade desse momento em que todos estamos vivendo e dessa nossa atuação com as crianças, não se trata de querer substituir para o ensino remoto as vivências que elas teriam na escola. O que as crianças precisam é serem ouvidas, serem vistas, serem estimuladas na sua criação e imaginação, serem convidadas para brincar. Temos que ter em mente que o presencial não pode ser substituído de maneira alguma, porque nada substitui as interações e as brincadeiras que são realizadas no espaço da e na escola.

Pensar em um planejamento nesse contexto é desafiador e, dessa maneira, ao ir em busca de propostas para propor às crianças das turmas tive uma grande

preocupação em elaborar atividades que pudessem levar em consideração as diferentes realidades e tentar proporcionar, assim, um momento que ao mesmo tempo que fosse educativo, também pudesse ser diferente e que proporcionasse alegrias a elas e suas famílias.

Os dias passam rápido, e as semanas ainda mais, a sensação temporal produzida nesses períodos de distanciamento e isolamento social tornam mais exigentes os cuidados com o planejamento e organização das atividades semanais, enquanto numa semana as propostas pedagógicas estão sendo vivenciadas pelas crianças, cabe a mim estagiária-professora me debruçar sobre o tema “Atividade Física” e o “Dia do Índio” (coloco entre aspas, pois além da escola trabalhar boa parte dos conteúdos a partir dos marcadores das datas comemorativas, percebe a ausência de problematização, inclusive quanto à denominação e representação cultural do que significa para a história e cultura brasileira a população indígena).

O contato com a professora acontecia diariamente pelo whatsapp, ao longo da semana eu compartilhava algumas propostas que ia encontrando sobre a cultura indígena e ela ia me encaminhando o registro das atividades feitas pelas crianças. Ao ver os vídeos e fotos delas realizando as propostas me senti muito feliz, não só pelo fato de estarem realizando tais atividades, mas porque demonstravam estar se divertindo. Esse sentimento que me preencheu ao ver as crianças desenvolvendo não só a proposta elaborada por mim, como também da professora, me fez ver que, para além de reconhecermos a brincadeira como espaço de aprendizagem, precisamos saber defender a ação brincante como ação de aprendizagem, principalmente em tempos de pandemia.

No final da semana, a professora me encaminhou vários vídeos dos alunos realizando a brincadeira “Brincando com o nosso corpo” e ao analisar cada registro, percebi o quanto o brincar (mesmo que nesse caso, com uma intenção pedagógica) deveria permear o cotidiano das crianças. Tivemos um retorno positivo em relação a essa atividade, pois percebemos que através dela e das interações que a brincadeira proporcionou através da exploração de objetos, o próprio corpo e os espaços das suas casas, as crianças conseguiram avançar nas suas aprendizagens em relação a temática e o mais importante de tudo, se divertindo.

Além de dar uma continuidade às propostas pedagógicas sobre Identidade e Partes do Corpo, aliamos a temática do desenvolvimento corporal e cognitivo das crianças. A atividade física ao ser trabalhada através do movimento, da ação, da

experiência e da criatividade, faz com que as crianças se relacionam consigo, seu corpo, com espaço-tempo. Ainda, nesta semana trabalhamos sobre o “Dia do Índio”, celebrado em 19 de abril. Refletir com as crianças sobre a importância de valorizar essa cultura tão rica e que faz parte da nossa história brasileira, vai ao encontro do que a própria Base Nacional Comum Curricular traz no seu objetivo de aprendizagem (EI03EO06) do respeito por diferentes culturas e modos de vida. Além disso, busquei propor uma atividade que contemplasse o brincar das crianças a partir dos sentidos da cultura indígena.

Proposta [o que?]: A corrida do Saci, jogo conhecido pela tribo indígena Kalapalo (da região do Mato Grosso) como Heiné Kuputisü.

Organização [como será organizada?]: Com a ajuda de um adulto, deverá ser marcado no chão duas linhas retas, uma para indicar a chegada e outra para a partida. Essa brincadeira não tem limites de participantes, então a família toda pode brincar. Os participantes deverão correr em um só pé, sem poder trocar durante a corrida. Quem conseguir ultrapassar a linha da meta ou chegar mais longe é considerado o “vencedor”.

Objetivos de aprendizagem [para quê?]: Desenvolver a coordenação motora e equilíbrio e valorizar e respeitar as diferentes culturas.

A professora me desafiou a apresentar um vídeo sobre a cultura indígena que ela já havia escolhido e pensar em uma proposta de atividade sobre a cultura indígena, confesso que a primeira coisa que me veio à mente foi fugir dos estereótipos em relação a essa temática. Tecer reflexões sobre o sentido que essas datas tomam no currículo da Educação Infantil se torna importante, principalmente, pelas vivências e aprendizagens que as crianças têm tido, devido à frequente descontextualização e fragmentação em que o trabalho com as mesmas resulta.

Dessa maneira, quando elaborei a atividade, foi na intenção de ampliar o repertório dessas crianças, a partir da brincadeira originária de uma comunidade indígena brasileira e, ao mesmo tempo, apresentar essa temática de forma lúdica, significativa através da experimentação e não de uma maneira abstrata, fazer só porque está previsto no cronograma da escola. Minha preocupação em propiciar experiências é no sentido de abordar um universo de significação do mundo por meio

de práticas com interações seja entre crianças-crianças, adultos-crianças, crianças-espaço-tempo, pois são tais interações que mobilizam as descobertas e desenvolvimento da criança.

Quando iniciamos um planejamento vamos nos dando conta de que há um esforço em manter a conexão entre as temáticas, e nesse sentido, surge na sequência desse itinerário curricular a Higiene Corporal. Ao elaborarmos, discutirmos e refletirmos cada proposta, o nosso desejo (digo nosso, porque sempre senti essa preocupação na professora) era de que cada atividade fosse na medida do possível prazerosa, e que oportunizasse aprendizado e desenvolvimento. Para que assim, as múltiplas linguagens, descobertas, situações interativas, brincadeiras, desafios, espaços de relação a fim de atribuir significados às experiências vividas. E todo esse trabalho, só foi possível porque contamos primordialmente com o apoio e suporte das famílias, que eram os nossos “interlocutores”, ou seja, era através deles que conseguimos ter algum tipo de vínculo com as crianças.

Aprendemos muito com as crianças e suas famílias, entre tantas coisas, aprendemos a importância de estarmos juntos para compartilhar conhecimentos, sorrisos e afetos. Uma relação de companheirismo que precisa estar presente em todo o processo de educação! (NASCIMENTO, 2020, p. 89-90).

Apesar de termos os retornos das atividades realizadas pelas crianças apenas por meio de fotos, vídeos e áudios, podemos perceber através dos sorrisos, das vozes entusiasmadas e dos movimentos corporais, a intensidade do envolvimento delas durante as propostas. Os vídeos recebidos da brincadeira “Corrida do Saci” foram realmente satisfatórios, pois as crianças brincaram com amigos, irmãos, pais e até mesmo sozinhas, envolveram as crianças de uma maneira que nem esperávamos.

Os hábitos de higiene pessoal são imprescindíveis tanto para os adultos quanto para as crianças, pois é um tema que envolve a saúde do nosso corpo. Sendo assim, abordar essa temática é fundamental na formação de valores que levam ao desenvolvimento de hábitos saudáveis. Além disso, nesse período em que as crianças da educação infantil precisam para desenvolverem as atividades escolares das interações com um responsável-adulto, familiar ou não, foi possível perceber que muitas temáticas têm desdobramentos tanto na vida escolar quanto na vida familiar-social da criança, e por essa razão o comprometimento em realizar as atividades foi significativo.

Proposta [O que?]: Contação de história.

Organização [como será organizada?]: Juntamente com a família, as crianças vão tirar um tempo na semana para ouvir a história “O menino dentinho” da autora Dany Danielle.

A história fala sobre um menino que vivia comendo doce, mas não gostava de escovar seus dentes. Até que um dia, no seu aniversário, Dentinho sentiu uma dor de dente terrível e a dor era tanta que a festa teve que acabar. Dentinho aprendeu a lição, que deveria escovar os dentes todos os dias e após todas as refeições.

Objetivos de aprendizagem [para quê?]: Incentivar hábitos de autocuidado relacionados à higiene corporal e demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas.

Na Educação Infantil, sabemos que cuidar é uma função indissociável ao educar. Relacionando com a temática desta semana, faz-se importante transformar a rotina de cuidado com a saúde em situações prazerosas e ricas em aprendizagens. Esses momentos são propícios para as crianças adquirirem hábitos saudáveis de cuidados pessoais e, por esse motivo, a escolha da contação de histórias entrou como uma atividade da semana.

E ao encontro da contação, elaborei um quiz online (jogo) para as crianças responderem sobre a temática, envolvendo a música “Canção do banho” e a história “O menino Dentinho”, o qual, inclusive, fez muito sucesso entre as crianças. Para a realização desse jogo, os alunos contaram com a ajuda da família que deveriam ler as perguntas.

Interessante foi percebermos que ao longo das semanas havia alguns pais que não enviavam todas as atividades, mas os jogos, eles retornavam. Então, decidimos continuar trazendo para as demais semanas os jogos online, visto que foi uma atividade “bem acolhida” tanto por parte das famílias quanto das crianças. Foi uma maneira que encontramos para as crianças que não estavam realizando as atividades regularmente terem contato com a temática trabalhada na semana, mesmo não desenvolvendo as demais propostas.

Maior, mês de comemoração estendida à existência das mães (sejam elas quem forem, será?), é no espaço institucionalizado da escola que há a dedicação intensa

desde o planejamento para o “Dia das Mães”. No entanto, devemos, enquanto pedagogos sempre ter presente o desafio de pensar para além dos estereótipos da sociedade patriarcal-capitalista cisheteronormativa o que significa para a vida afetiva, mental, social-cultural da criança fazer parte de uma família que tenha ou não a presença de uma mãe.

Ao elaborarmos os materiais para essa semana de “Dia das mães” tivemos a preocupação em trabalhar sobre a afetividade e o respeito, deixando as crianças livres para escolher a pessoa homenageada, de modo que percebessem que a figura materna pode ser representada por outras pessoas da família.

Percebemos também que as atividades com brincadeiras estavam tendo um bom retorno e, por esse motivo, a proposta elaborada por mim nessa semana foi bastante especial, pois envolveu recordações da infância dos adultos da família (no caso, a mãe). Foi uma semana bem produtiva, pois além dos materiais da temática, eu e a professora Gisele montamos uma homenagem para o dia das mães. Elaboramos um vídeo com fotografias que as famílias haviam encaminhado durante a semana e apresentei a história “Mãe de todos os tipos”.

Tem sido bem difícil perceber se as crianças estão de fato aprendendo algo, como está dando os seus processos de aprendizado. Através dos registros feitos pelas famílias, o que se pode notar é uma interação das crianças com as propostas das semanas, mesmo que nem todos façam isso com frequência. Essa questão está me fazendo refletir e tentar obter uma postura, um olhar atento que não olhe apenas para um produto final, justamente para não cair nas armadilhas dos processos de reafirmar pensamentos estereotipados e limitantes, junto às crianças e suas famílias.

Uma das propostas da semana anterior ainda, sobre o Dia das Mães, era de escolher uma fotografia em que mãe e filhos apareciam e deveriam conversar sobre as semelhanças não só físicas, mas também de personalidade. Um dos registros recebidos durante essa semana, foi um vídeo de uma mãe e de uma criança desenvolvendo essa atividade. Fiquei encantada com a naturalidade da criança enquanto conversava com a mãe, mesmo sendo gravada. Porque, às vezes, percebemos nos áudios e vídeos, que os pais têm uma grande influência sobre o que a criança está falando, parece que foi algo “treinado” ou “decorado” para ser falado.

Durante o vídeo, então, ele conversa com a mãe sobre as características físicas que têm em comum, inclusive as diferenças (cabelo, por exemplo, que o da mãe é preto e a criança é loira). Quando conversavam sobre as personalidades, em uma

parte do vídeo, ela comenta que ele é brabo e logo ele responde “Eu sou brabo, sou furioso e a mamãe também é”.

As crianças que voltarão para a aula presencial, serão divididas em dois grupos, pois foi estipulado um limite de alunos no espaço da sala de aula. Assim, uma semana vai um grupo de alunos e na outra vai o outro grupo. Dessa maneira, além do presencial a professora deverá realizar o acompanhamento remoto das famílias e crianças que optaram por não retornar.

Desde o início das atividades de estágio considero que houve uma participação das famílias, logo foi possível manter um diálogo e acolhimento durante esse período de distanciamento e ensino remoto. Desde que iniciei meu estágio, a intenção nunca foi a execução das atividades pelos pais e crianças e nem que estes proporcionam a educação escolar em suas casas, mas sim que eles pudessem desfrutar de momentos que poderiam ser propiciados a partir das sugestões de atividades.

Ao propor às crianças que fizessem desde um suco simples até algo mais elaborado, consideramos que nem todos possuem as mesmas condições econômicas. Em todas as propostas, sempre explicamos que eles poderiam utilizar o material que tivessem disponível em suas casas. No retorno das atividades recebemos vários vídeos das crianças ajudando ou fazendo o suco, sozinhas e, notamos que foi uma atividade que envolveu as crianças e que elas de forma lúdica se divertiram bastante.

Com o retorno das aulas presenciais previsto para o dia 17/05, surgiu a necessidade de trabalharmos alguns dos cuidados para nos protegermos do Covid-19. Mesmo que nem todas as crianças retornem, o assunto é muito importante.

Mesmo que já estejamos vivendo há mais de um ano essa pandemia, a temática desenvolvida pelos cuidados que devemos ter para nos proteger do Covid-19 se faz sempre necessário. Essa situação em que estamos vivendo (e que não tem previsão de acabar) vem afetando a vida de todas as pessoas, existe uma complexidade de saberes envolvidos e esses acontecimentos tendem, e já estão, a modificar aspectos da nossa cultura. Dessa forma, torna-se importante salientar que a criança está vivendo um momento da vida, que é o período da infância, na qual faz suas interpretações sobre o mundo e produz suas próprias ideias e concepções sobre ele a partir das suas vivências e, justamente, por isso devemos conversar com elas sobre o que estamos vivenciando.

A proposta de documentar em vídeo uma experiência desenvolvida pelas crianças implicou a todos a na realização da experimentação com o órgão e

detergente (uma atividade lúdica muito importante para que os alunos compreendam a importância de lavar as mãos com água e sabão) até a atividade da brincadeira. Tínhamos uma preocupação com a experiência, visto que, as famílias poderiam já ter realizado com as crianças em algum momento durante a pandemia e, por esse motivo, disponibilizamos duas experiências para que eles escolhessem uma delas.

Todos optaram pela experiência do orégano e do detergente, acredito que essa escolha tenha sido porque é uma atividade fácil e que utiliza materiais simples. Observando os vídeos, pude perceber que as crianças ficavam encantadas quando o orégano se afastava após terem lavado o dedo na água com detergente. A atividade da mímica também foi uma proposta bem acolhida pelas crianças, percebemos que elas se divertiram, visto que comemoravam quando a pessoa que estava brincando com ela acertava a mímica feita.

Eis que, me aproximo da última semana de estágio curricular na educação infantil, com muitas aprendizagens, mas também muitas incertezas, dado que muitas das questões tensionadas durante a pesquisa para monografia no curso de pedagogia continuam pulsando. E que bom que seja assim, pois preciso cultivar um pensar sobre o contexto de minha atuação profissional de forma comprometida com a prática social a qual a educação tem sua finalidade primeira.

Os registros das brincadeiras sobre as formas geométricas tiveram um bom acolhimento por parte das crianças e suas famílias, mesmo tendo pouco retorno. Um dos vídeos enviados me deixou muito feliz, pois foi notório que se divertiram, além de ter envolvido a família (pai, mãe e mais uma adulta que aparece no vídeo), eles realizaram a proposta ao ar livre e com música. Sei que nem todas as famílias podem fazer isso com seus filhos, que existem muitos fatores que acabam dificultando esse apoio/suporte dos adultos com as crianças para a realização em casa dessas propostas, mas também vale trazer essas experiências que estão “dando certo”.

Assim como procedi no início do estágio para estabelecer o primeiro contato com as crianças, também recorri a produção de um vídeo para a minha despedida da turma, no qual trouxe a música “A amizade” do Mundo Bitá. Foi um pouco difícil a gravação do vídeo, pois mesmo não tendo um contato presencial e direto com as crianças, a gente acaba se envolvendo e criando vínculos afetivos. Encerrei a semana com um misto de sentimentos: gratidão, alívio, saudade, preocupação, admiração.

3.2.2 Reflexões finais do Portfólio

Essa escrita foi tecida em meio a uma pandemia. Fomos todos afetados por ela, de uma forma ou de outra. Estamos no meio do que a gente pensa que está perto do fim, mas sem saber onde e quando está o fim de toda esta gigantesca turbulência que a pandemia do Covid-19 nos trouxe. Poder fazer o registro escrito deste “caminho” evidencia que estamos vivendo um tempo histórico, deixando nossas marcas no mundo de uma maneira privilegiada. Seja porque olhamos, mas também nos preocupamos com as crianças e seus familiares, porque estão sendo desafiados à uma convivência intensiva, seja porque, na condição de educadoras das crianças, estamos pensando e agindo enquanto buscamos compreender o que nos cabe fazer.

O esforço de adultos atentos com o que de mais caro temos na educação das crianças pequenas, que é o direito a experimentar suas múltiplas linguagens, mesmo que distantes, com interações virtuais, nos mostra que os diversos acontecimentos, sentimento de frustração, medo, dúvidas, fazem parte daquilo que a pensadora Ostetto (2008) define como parte do movimento de me constituir enquanto educadora, ou seja, faz parte do processo de autoconhecimento.

Refletir sobre o vivido é perceber as polaridades da vida: nem tudo alegria, nem tudo tristeza, nem só acertos, mas isso e aquilo. No estágio, que não está apartado da vida, tais polaridades também se mostram. Cabe perguntar: o que fazemos com elas? Podemos negá-las ou trazê-las para a consciência. [...] Enfim, trazer para o plano da análise, sentimentos que perpassam o cotidiano compartilhado com as crianças é fundamental para o educador, é reconhecer sua condição humana. (OSTETTO, 2008, p. 132).

Aquece o coração perceber que mesmo sem o contato físico e a presencialidade, ainda existe um carinho muito grande entre todos. A importância das interações, não apenas entre professor e aluno ou escola e família dentro de um espaço físico escolar, mas que o conceito de escola vai além das paredes, de uma sala de aula, de toda a estrutura física que ela possui. Entendemos que mesmo frente a tantas adversidades também estamos em constante aprendizado e precisamos enfrentá-los e, diante disso tudo, o importante é a manutenção e o fortalecimento dos vínculos. A escola não nos faz educadores por estarmos dentro dela, o que nos torna educador é a nossa prática cotidiana e nossas responsabilidades para com esta profissão onde quer que estejamos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido durante a pesquisa foi pautado pelo propósito de compreender quais as possibilidades do brincar das crianças na escola, partindo das minhas próprias experiências formativas no curso de Pedagogia. Quando se pensa sobre como acontece o brincar na escola é preciso assumir uma perspectiva crítica quanto às suas possibilidades, pois apesar de ser uma questão importantíssima na composição de uma prática educativa libertadora, ainda tem sido muito negligenciado na escola.

Refletir sobre o brincar implica reconhecemos as interações crianças-crianças como uma das experimentações e descobertas pulsantes da atividade de brincar. Refletindo sobre essa relação criança-brincar-escola, indago: como é o tempo nos contextos escolares? Quem organiza esse tempo? Será que é o educador? Ou é quando o sinal bate e acaba/interrompe o que está sendo feito? Por que é tão difícil conseguirmos trazer o brincar livre para dentro da escola?

Embora ainda seja frequente o uso de métodos tradicionais focados apenas na transferência de conteúdos pelo professor, é indispensável, buscarmos alternativas que levam em consideração a criança como protagonista do processo de ensino aprendizagem. Em outras palavras, é o aluno/criança quem aprende e é a partir dele que devem-se construir os saberes. Nesse viés, torna-se necessário refletirmos a importância dos espaços do brincar no contexto escolar, visto que são essenciais para o desenvolvimento infantil e contribuem significativamente para a aprendizagem.

O brincar está relacionado diretamente com a estrutura básica que a escola está fundamentada e organizada hoje, que são os espaços, os tempos organizados em rotinas, as salas de aula com crianças sempre da mesma idade, sentados enfileirados. A concepção de criança jamais deve ser entendida como uma folha em branco que vai ser escrita por adultos experientes, não é um recipiente para ser preenchido, não é uma forma para ser moldada, não é uma máquina para ser programada, a criança é um sujeito humano que está em formação.

O tempo do brincar livre para a criança não é um mero passar tempo, ao contrário, é uma construção do seu próprio tempo e do seu próprio eu e, por isso, faz-se necessário mexer com a estrutura dessas instituições educativas. Das muitas dimensões da infância, vale lembrar de algumas, por exemplo, cada criança ao nascer dá início a um novo ciclo, começa a vida, uma história, ela está descobrindo o mundo,

as palavras, está fazendo uma imagem dela mesma, dos outros, para ela tudo tem vida, o mundo é cheio de vozes, a criança conversa com a pedra, com a planta, com o animal, com os brinquedos, com seres imaginários, ela faz comparações, metáforas.

O brincar atravessa todas as culturas, as sociedades, continentes e permanece na história. O brincar tem histórias, tem perguntas, nasce da criança, do seu impulso, é um movimento que acontece de dentro para fora e faz florescer a imaginação, a inteligência, a criatividade, é uma forma lúdica de conhecimento e autoconhecimento, de expressão de sentimentos, onde as crianças se relacionam com si mesmas, com o outro e com o mundo.

Para nós, adultos, é difícil o ato de simplesmente observar sem julgar, analisar, criar critérios em cima daquilo que são os atos e as ações das crianças. Não é apenas enxergar o que as crianças estão fazendo, mas é criar um caminho de escuta, observação, de olhar sensível dos gestos, movimentos, do corpo dessa criança, afinal a infância é puro movimento assim como é a vida. Ao observar as crianças nas suas ações, elas nos mostram muito de ritmo, de pulsação, de vida, de um corpo que está em busca de autonomia.

Casa das Estrelas: universo contado pelas crianças é o resultado de um experimento de Javier Naranjo com seus alunos de escrita criativa. No final dos anos 1980, o professor sugeriu que as crianças definissem, com suas próprias palavras, o que para elas era criança. O resultado o surpreendeu tanto que ele começou a brincar com a ideia, pedindo definições de outras palavras e que acabou resultando neste livro. Uma possibilidade para entendermos o que é ser criança está ligada a ideia de ser feliz quando se pode brincar.

Inspirada nesta obra, no último encontro online realizado com as crianças do 3º ano do Ensino Fundamental durante o Estágio Remoto, solicitei que as crianças dissessem com suas próprias palavras o que para elas era ser criança e o que é brincar. Em relação ao brincar, as crianças responderam: *fazer coisas legais, diversão* (foi a definição que mais apareceu nas falas), *correria*. E sobre a definição de ser criança: *aproveitar os momentos, fazer novos amigos, é brincar tudo junto, mas um pouco separado por causa do Covid*. É visível em qualquer definição, seja ela de autores renomados ou das vozes das próprias crianças, o quanto o brincar é uma atividade vital para a infância.

As crianças não são apenas crianças na Educação Infantil, precisamos reconhecer que a infância perpassa toda a vida escolar até o Ensino Fundamental.

Dessa forma, torna-se imprescindível criar tempos e espaços para as crianças se desenvolverem a partir do brincar nos contextos escolares. Ainda se tem um longo caminho a percorrer, há muito que ser estudado e pesquisado e meu desejo é que essa problemática desenvolvida em torno do brincar possa servir como ponta pé inicial para outras pesquisas.

5. REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. Pequena contribuição à história dos jogos e brincadeiras. In: ---. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. p.82-124.

BARBOSA, M. C. S. **Tempo e cotidiano - tempos para viver a infância**. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v. 31, n. 61, p. 213 - 222, nov. 2013.

BARDANCA, Angeles A. BARDANCA, Isabel A. **O pulsar do cotidiano de uma escola da infância**. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2020.

BARREIRO, Alex; FARIA, Ana Lúcia Goulart. Descolonizando nossos pensamentos: por uma pedagogia descolonizada para a educação infantil. In. CANCIAN, Viviane Ache; GALLINA, Simone Freitas da Silva; WESCHENFELDER; Noeli Valentina. **Pedagogia das infâncias, crianças e docências na educação infantil**. Centro de Educação; Unidade de Educação infantil Ipê Amarelo; Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica, 2016.
<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/2310>

BECKER, F. **A epistemologia do professor**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei n.10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2001.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2014.

BRASIL. Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. ---. ;

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. Traduzido por Gisela Wajskop. 4ª ed. São Paulo. Cortez, 2001.

FORTUNA, T. R. **Aventuras psicopedagógicas na sala de aula: a contribuição do construtivismo piagetiano**. Revista Psicopedagogia. São Paulo, 13 (31), 19-24, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GALLO, Sílvio; LIMONGELLI, Rafael.. **“Infância maior”**: linha de fuga ao governo democrático da infância. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 46, 2020. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v46/1517-9702-ep-46-e236978.pdf>

KISHIMOTO, T. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

KISHIMOTO, T. (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo Pioneira, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1, 2010, Belo Horizonte/MG. Anais... Belo Horizonte/MG: Ministério da Educação, 2010, p. 1-20.

NASCIMENTO, A. P.; SILVA, N.; JESUS, R. **Através das telas**: possibilidades de trabalho remoto em tempos de pandemia. Em Vozes e Experiências de Professoras e Professores das Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil (UUFEl) durante a Pandemia da Covid-19, 73-91. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

WAJSKOP, G. **Entrevista: o que é brincadeira?** Revista Criança do professor de educação infantil. Brasília, 31:3-9, 1999.

WERLE, Kelly. **Infâncias, música e experiências: fragmentos do brincar e do musicar.** Tese de doutorado Universidade Federal de Santa Maria. 2015.

OSTETTO, Luciana. O estágio curricular no processo de tornar-se professor. In: OSTETTO, Luciana. **Educação Infantil- saberes e fazeres da formação de professores.** Editora Papyrus, 2008, cap. 7, p. 127- 138.

VASCONCELLOS, Tania. A menina e as batatas: infância, filosofia, brinquedo e brincadeira. In. CANCIAN, Viviane Ache; GALLINA, Simone Freitas da Silva; WESCHENFELDER; Noeli Valentina. **Pedagogia das infâncias, crianças e docências na educação infantil.** Centro de Educação; Unidade de Educação infantil Ipê Amarelo; Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica, 2016.
<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/2310>